

A HISTÓRIA COMO ELA É

Benedito Eliseu Leite Cintra¹

RESUMO: O autor discute a realidade da História. Os fatos históricos são sempre relatados, ou seja, contados. Desde participação em Colóquio de Epistemologia, parte de experiência havida de “contação de histórias”. Ela é narrada, agora acrescentando o texto do “Samba do crioulo doido” (Stanislaw Ponte Preta). Em continuidade, oferece algumas considerações pertinentes ao desenvolvimento de sua reflexão, em torno de Paul Ricoeur e Emmanuel Levinas. De algum modo não convencionais ao final da participação referida, teriam sido consideradas como heterodoxas. Enrique Dussel deve ser apontado como arguto historiador da América Latina. Com Emmanuel Levinas o pensamento alcança horizontes insuspeitados. Não evitando toda a complexidade do pensamento sobre todo o assunto, algumas observações finais procuram colocar em questão certas “verdades”.

PALAVRAS-CHAVE: A realidade da História – “Contação de histórias” – Paul Ricoeur – Emmanuel Levinas – Considerações heterodoxas.

ABRÉGÉ: L’auteur discute la réalité de l’Histoire. Les faits historiques sont toujours relatés, c’est à dire, racontés. Ramène-t-il expériences sur “récits de contes”. De Stanislaw Ponte Preta il réfère le texte de “Samba do crioulo doido”. De suite il offre des considérations pertinentes pour déployer sa réflexion autour de Paul Ricoeur et Emmanuel Levinas. Enrique Dussel doit être indiqué comme pénétrant historiographe de l’Amérique Latine. L’auteur aussi déploie des pensées qu’il appelle hétérodoxes. Avec Emmanuel Levinas la pensée arrive à des horizons insoupçonnables, autor de quelques “vérités”.

MOTS-CLÉ: La réalité de l’Histoire – “Récits de contes” – Paul Ricoeur – Emmanuel Levinas – Pensées hétérodoxes.

1. COMEÇANDO

Recentemente participei de evento na Universidade São Judas Tadeu em São Paulo: X COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA DA USJT TEXTO E HISTÓRIA A PARTIR DE PAUL RICOEUR. Aconteceu entre os dias 30 de maio a 01 de junho de 2011. A mim foi reservada a comunicação para mesa

¹ Doutor em Filosofia da Educação – UNICAMP. Professor no Centro Universitário São Camilo.

redonda com meu grande amigo, de muitos tempos no Cento de Estudos sobre o pensamento de Emmanuel Levinas (CEBEL), Marcelo Fabri (UFMS).

Tive a oportunidade de apreciar sua exposição filosoficamente muito cuidada e rigorosa. Minha intervenção foi muito mais modesta. Para publicação na revista TABULAE vou acompanhar em parte minha fala. Seu cabeçalho foi justamente “a História como ela é”.

.....

Uma vez fui convidado a uma Festa de Natal por um grupo de “contadores de histórias”, atividade pedagógica atualmente de grande relevo. Sobre todo o evento construí um texto que foi publicado ².

Transcrevo algumas palavras de seu início: era numa casa muito bonita da Granja Viana. Logo minha mulher me apresentou à grande mestra contadora de histórias. De papo em papo, a senhora me disse que tinha feito curso de “Contadora de histórias” numa Universidade da Inglaterra. Fiquei tartamudo! Não podia desmentir a mulher, com tantos detalhes que me falava. Para não parecer muito bobo pelo espanto, confessei minha ignorância:

- Sei que há cursos universitários que ensinam a História, mas que contam histórias é novidade para mim.

Atalhou com um sorriso benévolo:

- A História do Brasil é ensinada ou contada?

Nessa hora me lembrei da questão se o Brasil teria sido “descoberto” ou “inventado”, algum samba de crioulo doido! Na festa já começava a “contação” de histórias. Não digo nada das histórias contadas: umas possíveis e outras impossíveis ao meu reto juízo.

No Colóquio fiz ouvir o “Samba do crioulo doido”. Segue o texto criado por Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto).

Foi em Diamantina
Onde nasceu JK
Que a princesa Leopoldina
Aí resolveu se casar
Mas Chica da Silva
Tinha outros pretendentes
E obrigou a princesa

² “Um conto”. Caleidoscópico 2000 / Jorge Cláudio Ribeiro (org). São Paulo: Olho d’Água, 2000, p.21-24.

A se casar
Com Tiradentes...

O bode que deu
Vou de contar...

Joaquim José
Que também é
Da Silva Xavier
Queria ser dono do mundo
E se elegeu Pedro II
Das estradas de Minas
Seguiu pra São Paulo
E falou com Anchieta
O vigário dos índios
Aliou-se a Dom Pedro
E acabou com a falseta
Da união deles dois
Ficou resolvida a questão
E foi proclamada
A escravidão
E foi proclamada
A escravidão...

Assim se conta
Essa história
Que é dos dois
A maior glória
A Leopoldina virou trem
E Dom Pedro
É uma estação também

Oh Oh! Oh OhOhOh!
O trem tá atrasado
Ou já passou... (2x)

É um conjunto de alegorias para as mutretas da realidade política.

- O partido₁ (Princesa Leopoldina) resolve aliar-se com o partido₂ (X).
- O poder soberano (Chica da Silva) pretendia outra aliança para o partido₁, o partido₃ (Y Tiradentes).

- O presidente constituído (Tiradentes) resolve ser dono do mundo e se escolhe, como nunca tinha acontecido na história do país, “imperador” (Pedro II).

Stanislaw Ponte Preta foi o codinome artístico que Sérgio Marcus Rangel Porto (1923-1968) adotou. Usou também o apelido Tomás Santa Rosa. Deixou-se influenciar pela “antropofagia” da Semana de Arte Moderna (1922). “Serafim Ponte Grande” é um personagem de Oswald de Andrade. “Samba do crioulo doido” é de 1968, ano do fatídico Ato Institucional nº 5, editado no dia 13 de dezembro daquele ano pela Junta Militar presidida pelo Marechal Arthur da Costa e Silva. Ao dizer “ano fatídico” estou contando como ele *me foi*, ou seja, desdobração da dura e brutal ditadura militar. Se propus para minha colaboração “a História como ela é”, digo que a História esteve, está e estará sendo *ao modo* de cada um de nós.

CONTINUANDO

Um dia comprei um livro de Julián Marías: “Biografia da Filosofia e Ideia da Metafísica”³. Que coisa estranha, *Biografia da Filosofia!* Estou convencido que cada um considera – ou não considera permanecendo na ingenuidade – sua auto ou pseudobiografia filosófica. Diz Wilhelmus Luipen sobre “O filosofar como tarefa pessoal”: O legítimo filosofar é a tentativa de responder *pessoalmente* a um perguntar *pessoal*⁴.

Mas, voltando a Sérgio Porto, é mais conhecido seu *FEBEAPÁ – Festival de Besteiras que assola o País*. “Era boêmio, de um admirável senso de humor e sua aparência de homem sisudo escondia um intelectual peculiar capaz de

3 Trad. DivaRibeiro de Toledo Piza. São Paulo, Duas Cidades, 1966.

4 LUIJEN, Wilhelmus Antonius Maria. *Introdução à Fenomenologia Existencial*. São Paulo: EPU, 1973, p. 17.

fazer piadas corrosivas contra a ditadura militar e o moralismo social vigente” (WILIPEDIA). Por certo, “Samba do crioulo doido” pertence a este repertório.

Como ouvimos, o crioulo teve que produzir um enredo sobre “a atual conjuntura”! Pergunto: nossa “atual conjuntura” já tem algum *significado* ou *sentido* definido ou de novo deveríamos inventar um atual “samba do crioulo doido”?

A SUSPEITA

Certamente vou dizer coisas óbvias de largo conhecimento. Mas, como Paulo Freire se diz “peregrino do óbvio”, vou prosseguir.

Em Ricouer é notável ter dito dos “grandes mestres da suspeita”: Marx, Nietzsche e Freud. Um grande mérito do estimado francês que hoje estamos a estudar. Nosso tempo tem particulares raízes nestes três pensadores. Marx nos ensinou que toda *economia é política*. Freud que todos nós estamos assentados em um desconhecido pessoal. Jung acrescentou que este desconhecido é primevo, pela multidão de símbolos conflitantes em culturas que não são universais. O famigerado *lógos* analítico não tem a respeito nenhum jogo de cintura. Nietzsche nos alertou que, de muito velho, “Deus morreu”. Levinas explica que não se trata de ideia que *vai* a Deus, mas de “Deus que vem à ideia”⁵.

O ATEISMO

Li faz dias um fascículo da revista *Concilium* “Ateístas de qual Deus”⁶. Um texto me chamou particularmente a atenção: “O retorno espetacular de Deus na Filosofia. Manifestações e razões de um fenômeno” (p. 91-99).

Logo na p. 92 (2. Manifestações) está:

A partir da década de 1980, Deus começou a fazer um tímido retorno em certos filósofos, sobretudo nos escritos do pensador judeu Emmanuel Levinas⁷.

E depois na p. 97 (3. Razões) leio:

A que se deve este “retorno de Deus”...? Este retorno é certamente relativo, pois o ateísmo ou o agnosticismo continuam de bom tom. Além da perenidade do próprio tema e da evolução intrínseca das problemáticas filosóficas (o “efeito

5 *De Deus que vem à ideia*. Coord. da tradução Pergentino Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2002.

6 CONCILIUM. *Revista Internacional de Teologia*. 337 (2010/4). Petrópolis: Vozes, 2011.

7 [3. E. LEVINAS, *De Dieu qui vient à l'idée*, Vrin, Paris 1982, 21986].

Levinas”, se quisermos), a história do mundo não contribuiu pouco para fazer novamente de Deus um tema frequentável, o que ele não era absolutamente no início da década de 1970.

Ressalto: “a história do mundo não contribuiu pouco para fazer novamente de Deus um tema frequentável”. Talvez não apenas a história do Brasil se tenha tornado como um “samba do crioulo doido”. Se algum dia, por Levinas, eu tenha querido profetizar: “A história tem sentido, mas não tem fim”⁸, sem esperança hoje dir-se-ia, ao arrepio de crença sobre crescimento e/ou desenvolvimento, por fim, de geração a geração, o aguardo seria afinal de alguma “paz de cemitérios” (Levinas)⁹. Assim se *contaria* a história futura *como ela seria*.

INTERPRETAÇÕES

Posso dizer que cada um *conta* a História a seu modo? Dir-se-ia que cada um *interpreta* a História a seu modo? Todavia, há justamente “conflito de interpretações”¹⁰. A prática teórica do filosofar, desde os gregos, continuamente resultou em “mestres da suspeita”. Aristóteles suspeitou de Platão, Francis Bacon suspeitou de Aristóteles e Descartes suspeitou de tudo que tinha recebido! Na América Latina Enrique Dussel suspeitou de “descobrimento” de nossas paragens, na verdade tendo sido “encobrimento”¹¹.

Por certo Levinas suspeita da História “como ela *tem sido* contada”, para afirmar qual ela *tenha sido* efetiva por causa da “arte de prever e ganhar por todos os meios todas as guerras”, a Política na História:

A política opõe-se à moral como a filosofia à ingenuidade, dado que se impõe como o próprio exercício da razão na arte de prever e ganhar por todos os meios todas as guerras (*Totalité et Infini: Préface*).

Uma proposição de ressonância maquiavélica. Por certo, também Nicolò Machiavelli foi um grande mestre da suspeita. Contudo, há diferença entre um e outro: Maquiavel *descreveu* como *eram* as coisas políticas em seu tempo; Levinas *afirma* como sempre *são* as coisas políticas: “A política opõe-se à moral como a filosofia à ingenuidade”. Qual a diferença entre um *bom político* e um *político*

8 Paulo Freire entre o grego e o semita. Educação: Filosofia e Comunhão. PortoAlegre: EDI-PUCRS, 1998.

9 *Last but not least*. Ricoeur não é lembrado nenhuma vez no estudo referido!

10 RICOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations*. Paris: Seuil, 1969.

11 *1492 o encobrimento do outro* de Dussel, 1993.

bom? Esparrela da linguagem.

Fico pensando que de algum modo Ricoeur disputou com seu grande amigo Levinas. Disputa entre o cristão protestante e o judeu-lituano-francês. Não obstante seu cristianismo, Ricoeur talvez não tenha chegado à radicalidade que Enrique Dussel considera sobre os semitas:

Uma tradição totalmente distinta, como o dia e a noite, da cosmovisão dos gregos ¹². [Mas Ricoeur escreveu *Philosophie de la volonté*, cuja II parte é “La symbolique du mal” (Paris: Aubier, 1960) a que Dussel frequentemente se refere, particularmente sobre o “mito adâmico” do pecado.]

ENRIQUE DUSSEL

18

18 Talvez não tenha acontecido com Ricoeur o que aconteceu com Enrique Dussel: Quando li pela primeira vez o livro de Levinas *Totalidade e Infinito*, produziu-se em meu espírito um desengaño de tudo que até então fora apreendido ¹³.

Uma mostra desse desengaño já estaria num texto primitivo do judeu-lituano-francês:

O estudo que apresentamos tem um caráter preparatório. Ele percorre e aflora um determinado número de temas de pesquisas mais vastas consagradas ao problema do Bem, ao Tempo e à Relação com Outrem como movimento em direção ao Bem. A fórmula platônica colocando o Bem além do ser é a indicação mais geral e mais vazia que os guia. Ela significa que o movimento que conduz um existente em direção ao Bem não é uma transcendência pela qual o existente eleva-se a uma existência superior, mas uma saída do ser e das categorias que o descrevem: uma *ex-cedência*. Mas a *ex-cedência* e a Felicidade têm pé no ser e, por isso, ser vale mais que não ser ¹⁴.

12 DUSSEL, Enrique. *El humanismo semita*. Buenos Aires, EUDEBA, 1969, p. xi.

13 DUSSEL, Enrique e GUILLOT, Daniel. *Liberación latinoamericana y Emmanuel Levinas*. Buenos Aires, Bonum, 1975.

14 LEVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Trad. Paul Albert Simon. Campinas: Papirus, 1998, p. 9. Observe-se que o *preâmbulo* foi escrito em 1947.

EMMANUEL LEVINAS

É possível dizer que estas palavras apontam palimpsesto de toda a obra de Levinas. Expressar este texto aos alunos não foi fácil. Concentrei-me nas proposições de Levinas:

- Problema do Bem, ao Tempo e à Relação com Outrem como movimento em direção ao Bem.
- O movimento que conduz um existente em direção ao Bem não é uma transcendência pela qual o existente eleva-se a uma existência superior, mas uma saída do ser e das categorias que o descrevem: uma *ex-cedência*.

Meus alunos se houveram bastante bem numa avaliação de desempenho para uma série de enunciados que lhes propus, afinal conduzidos pela fórmula platônica “Bem além do ser”.

Para consumo deles propus definições de três modos do tempo, ao revés de Agostinho de Hipona:

- **O tempo físico.** É o tempo astronômico representado pelos calendários e pelos relógios. Sabemos que Bergson opôs-se ao privilégio costumeiro havido por este modo. Tempo é **duração**, suspenso ao *élan vital*.
- **O tempo psicológico.** Faço referência a Merleau-Ponty ao dizer de “deiscência”. Trata-se exemplarmente do processo biológico da planta que passa da flor para o fruto e para a semente, na continuidade geração ↔ corrupção. Isso se repete com todos os animais, inclusive com o animal humano: desde a flor dos sexos para o fruto com sua própria semente. O fruto humano, contudo, não produz apenas semente biológica. Pelo acontecimento da *consciência* o ser humano torna-se destina a *livre transcendência*.
- **O tempo social.** Melhor dizer **tempo da socialidade**. Para Levinas a *socialidade* funda a *sociedade*. É preciso passar do tempo *humano* para o tempo *inter-humano*. “Decifra-me ou te devoro”, o desafio da Esfinge, um sinal para que Levinas escreva:

Se costumamos dizer de passado-presente-futuro, com Levinas diríamos de futuro-passado-presente. Sempre trago o exemplo do filme “Uma linda mulher” no qual uma atraente prostituta conhece por acaso um homem milionário. Ele a contrata por uma semana e acaba apaixonando-se por ela. Os dois começam

a se envolver mais profundamente, nascendo uma grande e divertida amizade, além de um carinho imenso. Um novo futuro para ambos, no qual a felicidade enfrentava muitos preconceitos.

Digo aos meus atuais alunos que Levinas é mais difícil que Kant, Hegel, Husserl e Heidegger. Já me disseram que não. Neste semestre ministrando *Metafísica* – disciplina do currículo de Filosofia no Centro Universitário São Camilo – para avaliação final lhes propus alguns textos estudados. Não é que eles preferiram de Levinas *Transcendência e Inteligibilidade?*¹⁵

PAUL RICOEUR

Em minha opinião, Ricoeur desavisou-se em seu opúsculo *Outrement*¹⁶ quanto a Levinas. Em uma oportunidade já discuti o assunto¹⁷. Agora termino com citação de Levinas.

Não é o último juízo que importa, mas o julgamento de todos os instantes no tempo que se julgam os vivos. A ideia escatológica do juízo (contrariamente ao juízo da história no qual Hegel viu sem justiça a racionalização do juízo) implica que os seres têm uma identidade “antes” da eternidade, antes da conclusão da história, antes dos tempos estarem volvidos, enquanto ainda há tempo, enquanto por certo os seres existem em relação, mas a partir de si e não a partir da totalidade. A ideia do ser que transborda a história torna possíveis antes ao mesmo tempo inseridos no ser, mas pessoais, chamados a responder ao seu processo e, por conseguinte, já adultos, *antes* que podem falar em vez de emprestarem seus lábios a uma palavra anônima da história. A paz se produz como esta aptidão à palavra.

A visão escatológica rompe a totalidade das guerras e dos impérios onde não se fala. Não visa ao fim da história no ser compreendido como totalidade, sena o que põe em relação com o infinito do ser, que supera a totalidade... a escatologia, ou seja, a ruptura da totalidade, a possibilidade de uma *significação sem contexto*... a ética é uma ótica. “Visão” sem imagem, desprovida das virtudes

15 LEVINAS, Emmanuel. *Transcendência e Inteligibilidade*. Trad. José Freire Colaço. Lisboa: Ed. 70, 1991.

16 RICOEUR, Paul. *Outramente*: Leitura do livro *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* de Emmanuel Levinas. Tradução do original francês por Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1999.

17 “Ternura”. *Éticas em diálogo*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2003, p.195-221.

objetivantes, sinóticas e totalizadoras da visão, relação ou intencionalidade inteiramente de um outro tipo, que este trabalho precisamente ensaia descrever (*Totalité et Infini*: “Préface”, p. xi-xii).

Pela ótica da ética, “bem-aventurados os que promovem a paz” (Mt 5,9), vamos a cada instante presente, por palavras e atos, a **contar a História como ela será!**

PS. Após minha apresentação na Universidade São Judas Tadeu, nos debates, o professor Hélio Salles Gentil, moderador da mesa redonda, protestou quando eu disse “as coisas que aconteceram podem não terem acontecido”. Não entendeu bem que as coisas podem ser *contadas* diferentemente de como são *contadas*. Trago alguns casos.

- Contam-nos que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil por causa das “calmarias” que o afastaram das costas da África. Um conto da carochinha! Imagine-se que um grande dos muitos navegadores portugueses (Vasco da Gama) tenha-se encantado com o canto das “calmarias”!
- Recentemente o senador José Sarney afirmou que o afastamento de Fernando Collor da Presidência da República, em 1992, “não é marcante”, pois se trata de “apenas um acidente que não devia ter acontecido na História do Brasil”. Ora, este “acidente” foi sobre “substância” do grande movimento promovido por Herbert de Souza (Betinho) na intenção de *Ética e Cidadania*¹⁸. Outra “história”!
- Um exemplo bem radical: o “Holocausto”. Os nazistas devem ser levados em conta. Mas, os cristãos, católicos ou evangélicos, não foram os primeiros perseguidores dos judeus? Pelo menos desde a Cristandade Medieval eles foram literalmente excluídos da sociedade civil e política. Pio XII até hoje é posto sob suspeita, núncio apostólico na Alemanha ao tempo de Hitler. Havia uma oração católica *pro perfidis judeis* (“pelos pérfidos judeus”), hoje, por fim, abolida.

18 SOUZA, Herbert de e RODRIGUES, Carla. *Ética e Cidadania*. São Paulo: Moderna, 1994.

REFERÊNCIAS

CINTRA, B. E. L. **Paulo Freire entre o grego e o semita**. Educação: Filosofia e Comunhão. PortoAlegre: EDIPUCRS, 1998.

CONCILIUM. **Revista Internacional de Teologia**. 337 (2010/4). Petrópolis: Vozes, 2011.

DUSSEL, E. **El humanismo semita**. Buenos Aires, EUDEBA, 1969, p. xi.

DUSSEL, E. e GUILLOT, D. **Liberación latinoamericana y Emmanuel Levinas**. Buenos Aires, Bonum, 1975.

LEVINAS, E. **Da existência ao existente**. Trad. Paul Albert Simon. Campinas: Papirus, 1998.

LEVINAS, E. **De Dieu qui vient à l'idée**. Vrin: Paris 1982, 2^a1986.

LEVINAS, E. **Transcendência e Inteligibilidade**. Trad. José Freire Colaço. Lisboa: Ed. 70, 1991.

LUIJEN, W. A. M. **Introdução à Fenomenologia Existencial**. São Paulo: EPU, 1973, p. 17.

RICOEUR, P. **Le conflit des interprétations**. Paris: Seuil, 1969.

RICOEUR, P. **Outramente: Leitura do livro Autrement qu'être ou au-delà de l'essence de Emmanuel Levinas**. Tradução do original francês por Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, H. de e RODRIGUES, C. **Ética e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994.